

Credor recebe termos do acordo

Fritz Utzeri

Nova Iorque — Os 800 bancos envolvidos na Fase Dois da renegociação da dívida brasileira receberão a partir de hoje os termos acertados entre os bancos do comitê de assessoria e o Governo, sob a supervisão do FMI. O documento, que está sendo enviado por mala direta, contém uma recomendação do comitê para que o programa seja aceito assim como o pedido do Brasil para que os bancos aumentem seu comprometimento em 11% sobre os limites de dezembro passado.

Segundo uma fonte ligada ao comitê, os bancos deverão responder ao documento (que contém números, projeções e uma análise das necessidades brasileiras) até o dia 10 de novembro, cinco dias antes da análise do programa brasileiro pelo FMI. As respostas deverão ser por escrito e os coordenadores esperam que a receptividade dos bancos seja "muito boa". O presidente do comitê de assessoria, o banqueiro William (Bill) Rhodes, está em Honolulu, participando da convenção anual dos bancos americanos e acompanhando a discussão do programa brasileiro.

Para um executivo de um grande banco de Nova Iorque, o clima entre os americanos é bastante favorável. Observou que o tom da conversa mudou muito nos últimos dias e há uma disposição positiva de continuar engajado no programa brasileiro. Apesar disso, considerou que a tarefa de convencer os 800 bancos "não será fácil".

Pelo tempo curto para o fecho das negociações e de algumas questões ainda pendentes, como a tramitação do Decreto 2 045, o banqueiro considera possível completar o programa brasileiro a tempo.

A reunião de Honolulu e a importância da renegociação brasileira têm sido destacadas pela imprensa de Nova Iorque. O *The New York Times* disse ontem que a proposta brasi-

leira apresentada a 120 bancos dos EUA por quatro grandes bancos de Nova Iorque foi apreciada num ambiente onde há "de longe" maior concordância do que a registrada em tentativas anteriores de renegociar a dívida do Brasil.

O *Journal of Commerce* também fala das necessidades do Brasil, numa matéria de primeira página, onde cita Willard Butcher, presidente do Chase, dizendo que os banqueiros não esperam uma participação de 100% dos bancos que emprestaram dinheiro ao Brasil no novo projeto. "Sua declaração pode ser uma atenuação dos fatos", observa o *Journal*. (Um banqueiro em Nova Iorque acha que uma receptividade de 80% será bem recebida pelo FMI).

Os banqueiros; incluindo Paul Volcker, presidente do Federal Reserve (o Banco Central americano) estão preocupados com o tempo que encasseeira, segundo registra o *Journal of Commerce*. Por seu lado, o *The New York Times*, num editorial sob o título "Crises demais, dívidas demais", crítica de modo geral o encaminhamento que tem sido dado às negociações, lembrando que "todos esses programas" de resgate envolvem novos empréstimos do FMI que, em troca requer medidas de austeridade para deter a inflação: redução dos gastos de Governo e restrições nas importações. Mas como podem crescer as exportações quando tantos países estão reduzindo suas importações e afetando o crescimento, mesmo das nações mais prósperas?", pergunta o editorial.

O *The New York Times* pede alguma decisão: "Cada nova crise lança dúvidas sobre a adequação do que foi feito, enquanto aumenta os custos do que há por fazer e os riscos de que medidas iguais na próxima vez não serão suficientes".